



INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Maria de Fátima de Souza Aquino

*Universidade Estadual da Paraíba/ CH/ PIBID
fatimaaquinouepb@yahoo.com.br*

RESUMO: O uso das várias formas de linguagem na sala de aula é assunto debatido pelas diversas áreas de conhecimento que se interessam pelas questões relacionadas ao processo de ensino/aprendizagem. Nesse contexto merece destaque os estudos voltados para a relação entre a oralidade e a escrita no contexto de sala de aula. Nessa linha de investigação, esta pesquisa objetiva analisar a influência de formas linguísticas variantes da fala na escrita de alunos do ensino médio da rede pública, da cidade de Guarabira – PB. Os dados analisados neste trabalho foram colhidos no Projeto de Pesquisa PIBIC/UEPB - VARIAÇÃO DIALETAL E ENSINO: marcas de oralidade na leitura e escrita de alunos do ensino médio.

Palavras-chave: Oralidade, Escrita, Ensino.

INTRODUÇÃO

Por meio da linguagem, o homem se constitui como ser social. A fala e a escrita são formas de manifestação dessa linguagem por meio de signos verbais, as quais, em geral, são adquiridas de forma e em contextos diferentes. Enquanto a aquisição da fala acontece de forma natural no ambiente familiar; a escrita exige um aprendizado formal, pois consiste na apropriação de conhecimentos convencionados pelo homem de maneira arbitrária

No que diz respeito à relação entre fala e escrita, vários estudiosos se debruçam sobre a temática. Marcuschi (2001), ao abordar a relação entre fala e escrita, defende que a fala seria uma manifestação textual-discursiva, na modalidade oral, que abrange formas e estruturas, sem haver necessidade de aparatos tecnológicos, uma vez que é efetivada pelo ser humano em uma esfera sonora; a escrita, por sua vez, seria um modo de produção textual-



discursiva manifestada por meio da grafia, necessitando, portanto, de algumas especificidades materiais.

Para Kato (1998), a escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática da língua, mas há variação na forma pela qual as atividades linguísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido a diferenças temporais, sociais e individuais. Para a autora, as duas modalidades de linguagem são parcialmente isomórficas. Na fase inicial de aquisição da escrita, esta tenta representar a fala e, posteriormente, a fala procura simular a escrita.

Em suma, a fala e a escrita são formas de manifestação da linguagem por meio de signos verbais, as quais, em geral, são adquiridas de forma e em contextos diferentes. Enquanto a aquisição da fala acontece de forma natural no ambiente familiar; a escrita exige um aprendizado formal, pois consiste na apropriação de conhecimentos convencionados pelo homem de maneira arbitrária, e tem na escola o principal espaço para o desenvolvimento de seu aprendizado.

No panorama escolar, a aquisição da língua escrita é o grande desafio para alunos e professores, para estes o desafio é desenvolver nos alunos habilidades para uma escrita proficiente; para aqueles, o grande desafio é escrever coerentemente e em um padrão de linguagem que atenda às diversas demandas de um mundo letrado como o nosso, uma vez que o domínio da escrita em sociedades letradas e tecnológicas torna-se obrigatório para a garantia de sucesso social, pois que grande parte dos processos discursivos é determinada pelas condições de uso e pelo acesso à norma culta da língua. Para Marcuschi (2001:16):

Numa sociedade letrada como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. (destaque do autor).

Nesse sentido, a importância social da escrita revela-se a partir dos valores que essa



prática adquiriu na sociedade moderna. No contexto de sala de aula, o aluno é, geralmente, avaliado pelo seu domínio de escrita, e a grande preocupação da escola é com uma escrita que esteja de acordo com as normas gramaticais.

Este trabalho tem como objetivo investigar a influência da fala de alunos do ensino médio no processo de escrita de seus textos. E, assim, refletirmos sobre os diferentes erros de escrita presentes nos textos analisados.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foram utilizadas amostras de textos coletados no Projeto de Pesquisa PIBIC/UEPB - **VARIAÇÃO DIALETAL E ENSINO: marcas de oralidade na leitura e escrita de alunos do ensino médio.**

A pesquisa do projeto compreendeu a observação de atividades de leitura e de escrita em sala e a gravação de leitura e atividades de escrita realizadas pelos alunos para análise da interferência de variantes da fala nessas atividades. Os sujeitos que compõem a pesquisa são alunos do ensino médio (1º ao 3º ano) de uma escola pública da cidade de Guarabira/PB. Os dados de escrita foram coletados de textos produzidos pelos alunos em sala de aula a partir de atividades propostas pelas professoras de língua portuguesa.

Para este estudo foram selecionados 04 textos produzidos pelos alunos (02 do 1º anos e 02 do 3º ano). Nosso objetivo é analisar os erros presentes nesses textos, observando a influência de aspectos da oralidade na escrita dos alunos. Como, também, observar se há diferença significativa, em relação aos tipos de erros, entre os textos dos alunos iniciantes e concluintes do ensino médio. Cabe, ainda, informar que, para nossa análise, não apresentaremos os textos dos alunos pesquisados na íntegra, apenas fragmentos dos textos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise dos textos, os erros foram classificados em duas categorias: erros decorrentes de transcrição da fala, erros decorrentes da natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita. (BORTONI-RICARDO, 2005).

Nessa fase escolar espera-se que a escrita dos alunos quase não apresente erros decorrentes da influência da fala, uma vez que esses alunos já deveriam ter certa proficiência em leitura e escrita. No entanto, a partir da análise dos textos constatamos ocorrências de vários elementos de fala na escrita dos alunos como nos fragmentos a seguir transcritos dos textos produzidos em sala:

Fragmentos do Texto 1(1º ano)

*Sabemos que nos não somos **oque** elas querem que nós sejamos. Cabe à todos nós traçar nosso caminho.*

***Pra se acaba** o preconceito **precisamos se manifesta** em palestas, avisos, educação...*

Nesse fragmento, além dos erros decorrentes do pouco domínio das convenções da escrita padrão (como exemplo citamos a ausência de acento gráfico na palavra *nos* > *nós*, que leva à mudança de significado da palavra; uso inadequado do acento grave indicador de crase em *à todos*), destacamos os erros que são decorrentes da influência da oralidade na escrita. Como exemplo desse processo, observamos a junção de palavras na segmentação da escrita de *oque* > *o que* (processo muito comum no início da alfabetização, uma vez que nessa fase o aluno pauta a escrita pela sua fala (KATO, 1998)); apagamento do fonema /a/ ocasionando a redução da preposição *para* em *pra* > *para*, e do fonema /r/ marcador da desinência verbal *se acaba* > *se acabar*; desvio de concordância verbal em *precisamos se manifesta*, apagamento do fonema /r/ em *manifesta* > *manifestar*, apagamento do fonema /r/ no grupo consonantal tr em *palestas* > *palestras*. Esses são casos típicos da oralidade, em



contexto de uso da fala espontânea, que foram transpostos para a escrita do texto. Vejamos que esses erros, embora denunciem a falta de monitoramento do escrevente com o uso adequado da linguagem escrita, não comprometem a compreensão da mensagem do texto pelo leitor.

Fragmentos do Texto 2 (1º ano)

Racismo é uma forma de desprezar, iguinar, magoar, umilhar e o principal fazer com que uma pessoa sinta-se muito mal.

Neste fragmento, observamos erros de escrita decorrentes da falta de domínio da relação grafema/fonema. Vejamos que o escrevente desconhece a relação entre os fonemas /s/ e /z/ e os grafemas s e z, uma vez que escreve o vocábulo desprezar como *despresar* cuja escrita da sílaba final zar, de acordo com a convenção ortográfica, dá-se com a letras z. Percebemos, assim, que o escrevente tem apenas uma noção vaga dessa relação entre fonema e grafema, uma vez que não conseguiu fazer a relação adequada do uso desses grafemas na escrita, é possível que para a convenção dessa escrita o aluno tenha formulado a regra de escrita com base na escrita do vocábulo casa, em cuja pronúncia se articula o fonema /z/ e a escrita se dá com a letra s. A escrita de *iguinar* > *ignorar* revela um caso de hipercorreção, em que o escrevente errou a escrita da palavra por tentar usar a forma comumente usada na escrita de sílaba com a letra g, formando, assim, uma sílaba fechada gui. Já em *umilhar* > *humilhar*, podemos depreender que a escrita sem a letra h é consequência da inexistência de um som correspondente a essa letra no sistema fonológico do português. Ou seja, como o falante não pronuncia esse som, ele não associa à letra da escrita.



Fragmentos do Texto 3 (3º ano)

Tamos no século XXI e ainda acontecer atos banais como esses ocorrido.

Nesse fragmento, destacamos as escritas de *tamos* > *estamos* e *esses ocorrido* > *esses ocorridos*, em que constatamos a transposição da fala informal para a escrita do texto. Nesses dois usos, o escrevente reproduziu fielmente em sua escrita a forma como ele fala a forma verbal estamos com o apagamento da sílaba inicial do vocábulo, como também, com o desvio de concordância em relação ao que estabelece a norma gramatical, uma vez que só o primeiro elemento do sintagma nominal encontra-se no plural. Fato que evidencia a dificuldade do escrevente em diferenciar as variações da oralidade das variações da escrita.

Fragmentos do Texto 4 (3º ano)

Infelizmente hoje em dia ta um caso serio de preconceito tanto nas ruas quanto no futebol.

Neste fragmento, observamos tanto erros decorrentes do pouco domínio das convenções da escrita (*serio*>*sério*, *infelizmente*>*infelizmente*) quanto erros decorrentes da transposição da fala coloquial para a escrita do texto.

Comparando os fragmentos dos textos dos alunos dos dois anos escolares, observamos que tanto os alunos do 1º como os do 3º ano apresentaram erros básicos de convenção de escrita, como também transpuseram para seus textos as suas variantes dialetais.

Diante dos fatos observados na análise dos textos, podemos afirmar que estes refletem a falta de um trabalho mais produtivo com a escrita, como também de um trabalho em sala em que seja dada ênfase às diferenças entre as variações da fala e da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foram analisados erros de escrita de alunos do ensino médio. Observamos, nos textos analisados, várias ocorrências de marcas da oralidade presentes no texto escrito, assim como ocorrências de erros decorrentes das dificuldades dos alunos em relação às convenções da escrita.

Os dados analisados apresentaram fatos preocupantes, uma vez que algumas ocorrências não são esperadas na escrita de alunos do ensino médio, visto que nessa fase escolar pressupõe-se que esses alunos já tenham um domínio proficiente de leitura e de escrita.

Com esse estudo, pretendemos chamar atenção dos professores para a importância de se conhecer a realidade linguística dos alunos, uma vez que a falta desse conhecimento pode levá-los a considerar todos os desvios ortográficos da mesma forma, o que prejudicaria muito a abordagem do ensino da escrita. Entendemos que a variedade usada pelo aluno deve ser valorizada, na medida em que será usada para reflexão sobre o funcionamento da língua. Também se faz necessário um trabalho com ênfase na escrita padrão, principalmente nessa fase escolar em que os alunos estão concluindo o ensino básico.

O conhecimento linguístico dará condições ao professor de língua materna de conhecer as importantes hipóteses levantadas pelos alunos a respeito da escrita. Dessa forma, é importante que o professor perceba quando os erros cometidos pelos alunos deixam de ser hipóteses sobre a aquisição da escrita e se transformam em problemas de escrita que precisam de uma atenção mais especializada para a superação das dificuldades.



REFERÊNCIAS

AQUINO, M. F. S. **Uma proposta de tipologia de “erros” de leitura: análise sociolinguística e cognitiva.** Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2011.

BORTONI-RICARDO S. M. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Org.) **Sociolinguística e ensino:** contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006

----- **Nós chegemos na escola, e agora?:** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Org.) **Sociolinguística e ensino:** contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

HORA, D. (Org.) **Diversidade linguística no Brasil.** João Pessoa: Idéia, 1997.

KATO, M. A. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. 6. ed., São Paulo: Ática, 1998.

KLEIMAN, A. B. (Org.) **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001



MOLLICA, M. C. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

ROJO, R. H. R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.